

# LABIRINTO E RIZOMA: a temporalidade na cibercultura

Ana Elisa Antunes Viviani<sup>1</sup>

Resumo: O intuito deste trabalho é investigar as modalidades do tempo na cibercultura através da idéia do labirinto presente no conto de Jorge Luis Borges, O jardim dos caminhos que se bifurcam, e do conceito de rizoma de Gilles Deleuze e Félix Guattari. Como se verá, os dois textos mostram que existe uma forte ligação entre o espaço e o tempo, o que nos remete diretamente a Henri Bergson e seu conceito de duração, ligado ao tempo existencial e destituído de mensurabilidade. Esta articulação nos permite compreender como os usuários do ciberespaço deixam-se absorver pelas conectividades do virtual.

Palavras-chave: labirinto, rizoma, temporalidade, espacialidade, Bergson

\*\*\*\*\*

A cibercultura<sup>1</sup> tem se caracterizado por vários fatores, mas principalmente pela compressão do espaço e do tempo, isto é, pela superação das distâncias espaciais e pela experiência de imediatez do tempo real, ambos efeitos proporcionados pela confluência das redes telemáticas com as tecnologias digitais e do virtual. Como escreve André Lemos, ao recuperar Michel Maffesoli, o homem participante da cibercultura está constantemente atrás da “conquista do presente” (LEMOS, 2004, p. 64).

Mas é possível perceber que juntamente com o tempo real convivem outras temporalidades, como a do eterno retorno, identificada com o tempo do ritual e do mito, um tempo que constantemente volta ao seu início e que portanto é dotado de reversibilidade (LEMOS, 2004, p. 133-134), diferentemente da flecha do tempo, que aponta sempre para o futuro, para o progresso, e portanto irreversível. No entanto, existe também um outro tempo que se articula com esse tempo real e que não é mensurável, pois está ligado à duração da experiência. É o tempo em que nos deixamos absorver em nossas múltiplas conexões virtuais, em nossos entrelaçamentos rizomáticos; o tempo da pura duração.

Para nos ajudar a compreender essas diferentes temporalidades que atravessam a cibercultura lançamos mão de dois conceitos: o labirinto, presente no conto de Jorge Luis Borges, O jardim de caminhos que se bifurcam (1972), e o rizoma, presente no primeiro volume de Mil Platôs de Deleuze<sup>2</sup> e Guattari (1995). Em ambos os textos, conseguimos perceber que, subjacente à espacialidade do labirinto e do rizoma, existe o tempo da duração. E o grande pensador que nos autoriza a pensar sobre esse embaralhamento das categorias de espaço e tempo é o filósofo francês Henri Bergson<sup>3</sup>.

Vejamos, então, como estes conceitos, tão intimamente ligados à espacialidade, apresentam suas conexões com o tempo.

## Labirinto

---

<sup>1</sup> Para um melhor entendimento acerca da cibercultura como objeto de pesquisa, recomendamos, além do livro de André Lemos (2002), várias vezes referenciado neste trabalho, o texto de Erick Felinto, “Sem mapas para esses territórios: a cibercultura como campo de conhecimento” (2007).

<sup>2</sup> Embora Gilles Deleuze já tivesse escrito um pequeno livro intitulado Rhizome (1976), adotamos o livro que consolidou esse conceito e que é amplamente conhecido pelas pesquisas de cibercultura.

<sup>3</sup> Henri Bergson (1859-1941) elaborou vários conceitos que se mostram muito pertinentes para as pesquisas em comunicação, mais especialmente seus estudos sobre os mecanimos do pensamento, matéria, memória, movimento, negatividade e duração. Em suas obras, ele também procurou derrubar os conceitos e componentes metafísicos que permaneciam subjacentes na ciência moderna e que excluía a duração das suas observações.

Yu Tsun é o principal personagem do conto de Borges, que se passa na Inglaterra, em algum momento da Primeira Guerra Mundial. Agente do império alemão, Yu Tsun foge do seu alzo, o capitão Madden. Mas antes de ser capturado, precisa garantir que o exército alemão saiba o nome da cidade onde se encontra o novo parque de artilharia britânico. E para isso parte para Ashgrove a fim de encontrar Stephen Albert, cuja casa se encontra no centro de um labirinto em forma de jardim. Coincidentemente, o avô de Yu Tsun, Ts'ui Pen, fora um criador de labirintos que abandonara sua vida como governador para se empenhar na criação de um labirinto e na escrita de um romance. Após 13 anos de empenho, é assassinado por um desconhecido. Sua família, não encontrando o labirinto e seu romance lhe parecendo caótico, acredita que ele fracassara em sua empreitada. Quem desvenda o mistério da obra de Ts'ui Pen é Stephen Albert, que conquista a admiração de Yu Tsun, mas que mesmo assim acaba sendo assassinado por ele, pois seu nome coincidia com o local de abrigo da artilharia britânica e desta forma sua morte denunciaria o local ao comandante alemão.<sup>4</sup>

Stephen Albert decifra a charada graças a um fragmento de carta deixado por Ts'ui Pen antes de morrer: “Deixo aos vários futuros (não a todos) meu jardim de caminhos que se bifurcam” (BORGES, 1972, p. 104). Ele descobre, então, que esse jardim é, na verdade, o romance que em sua forma não linear de contar histórias esconde um “invisível labirinto de tempo” (BORGES, 1972, p. 103).

Por isso, o labirinto oculta em sua espacialidade múltiplos tempos; não apenas um único tempo uniforme, homogêneo, abstrato, mas “[...] infinitas séries de tempos, uma rêde crescente e vertiginosa de tempos divergentes, convergentes e paralelos. Essa trama de tempos que se aproximam, se bifurcam, se cortam ou que secularmente se ignoram, abrange *tôdas* as possibilidades.” (BORGES, 1972, p. 107-108) O conto revela ainda que numa charada a única palavra proibida no seu enunciado é a que resolve a mesma e, por isso, inerente ao labirinto está o tempo, que jamais é mencionado.

Outro elemento instigante no conto de Borges é não apenas o modo como o tempo é problematizado através da história de Yu Tsun, mas como em seu interior coexistem vários tempos. Enquanto divaga, percorrendo as bifurcações que o levam de encontro a Stephen Albert, Yu Tsun imagina um labirinto de labirintos, “um sinuoso labirinto crescente que *abarcasse o passado e o futuro e que envolvesse, de algum modo, os astros*. Absorto nessas imagens ilusórias, esqueci meu destino de perseguido. *Senti-me, por um tempo indeterminado, conhecedor abstrato do mundo.*” (BORGES, 1972, p. 100, grifo do autor) Trata-se do tempo interno do personagem, que se encontra completamente absorto nas veredas do jardim; é o tempo da pura duração. Por sua vez, existe ainda o tempo que lhe é externo, mensurável, como quando está deitado na sua cama, no quarto do hotel, por volta das 6 da tarde, ou quando toma o trem que parte para Ashgrove, às 8 e 50 da noite, ou ainda quando se dá conta de que a diferença entre os horários das partidas dos trens é o que lhe salva a vida.

Mas existe também um outro tempo, que é mencionado na própria história, mas que só faz sentido no final e que parece ser um metatempo: o tempo circular, que retorna de onde partiu. Stephen Albert comenta com Yu Tsun como o romance para ser infinito precisava ser necessariamente circular:

---

<sup>4</sup> O conto, ainda, é sedutor por vários fatores, dentre os quais destacamos: o fato do criador e do decifrador do labirinto serem assassinados e o fato de Yu Tsun ser catedrático de inglês numa escola alemã em Tsingtao, enquanto Stephen Albert ser sinólogo. Fica evidente a mútua admiração de um pelo outro no conto, mas que naquele desfecho, naquela vereda por que a história se encaminha, termina de modo trágico. Interessante pensar também que Ts'ui Pen renuncia ao poder temporal justamente para eternizar-se através de sua obra, assim como Borges...

Antes de exumar esta carta, eu tinha me perguntado de que maneira um livro pode ser infinito. Não conjecturei outro processo que o de um volume cíclico, circular. Um volume cuja última página fôsse idêntica à primeira, com possibilidade de continuar indefinidamente. Recordei também aquela noite que está no centro das Mil e Uma Noites, quando a Rainha Scheherazade (por uma mágica distração do copista) pôe-se a referir textualmente a história das Mil e Uma Noites, com risco de chegar outra vez à noite na qual está fazendo o relato, e assim até o infinito” (BORGES, 1972, p. 104)

Assim como Ts’ui Pen, criador do labirinto, é assassinado por um desconhecido, seu bisneto, Yu Tsun, reassume a condição do assassino ao executar Stephen Albert, decifrador da charada do labirinto. O círculo reencontra, então, seu início.

## Rizoma

Deleuze e Guattari lançam a idéia do rizoma como sistema a-centrado para indicar um inconsciente labiríntico, que funciona como as tocas de ratos, ou tubérculos, compostos de caminhos em bifurcação, como as valas que a água da chuva deixa na terra. Segundo os autores, o inconsciente rizomático opõe-se ao da psicanálise, que é fundado num sistema centrado, hierárquico, arborescente, como uma raiz ou radícula. As mesmas observações valem para a linguística. Sendo assim, seja para os enunciados, seja para os desejos, “a questão não é nunca reduzir o inconsciente, interpretá-lo ou fazê-lo significar segundo uma árvore. A questão é produzir inconsciente e, com ele, novos enunciados, outros desejos: o rizoma é esta produção de inconsciente mesmo.” (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p. 28)

Rizomas são tubérculos, bulbos cujas raízes expandem-se extensivamente e em todos os sentidos; são os animais que vivem em matilhas. O rizoma é caracterizado por sua conectividade, de um ponto que o compõe com qualquer outro ponto. É multiplicidade, pois não tem sujeito, nem objeto; não possui unidades de medida, mas grandezas. O rizoma possui apenas linhas e não pontos, como no sistema arborescente. É relação de heterogêneos, pois assim são os devires que o compõe; é o exemplo do conjunto vespa-orquídea, uma involução<sup>5</sup>, uma ruptura a-significante, em que uma parte pode se separar de outra e, mesmo assim, manter o rizoma. Os vírus são rizomáticos devido à sua forma de transmitir transversalmente informação genética.

O rizoma também é mapa, diferentemente de um decalque, por ancorar-se no real. “O mapa é aberto, é conectável em todas as suas dimensões, desmontável, reversível, suscetível de receber modificações constantemente. Ele pode ser rasgado, revertido, adaptar-se a montagens de qualquer natureza, ser preparado por um indivíduo, um grupo, uma formação social.” (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p. 22)

Mas mais do que tudo, o rizoma é hecceidade, acontecimento fruto do agenciamento entre heterogêneos, de articulações espaço-temporais. E as singularidades que percorrem o rizoma são os nômades, que constituem trajetórias sem finalidades pré-determinadas, sem alvos, sem pontos a serem atingidos, pois estão mais preocupados com o caminho, com o durante, com a duração. Por isso, não se apropriam do território, não se vinculam a ele. Ao contrário dos migrantes, a quem está subjacente a idéia de abandono local, os nômades não têm essa preocupação. Seu trânsito se dá pelo meio, pois é por aí que “coisas adquirem velocidade. *Entre* as coisas não designa uma correlação localizável que vai de uma para outra e reciprocamente, mas uma direção perpendicular, um movimento transversal que as carrega uma e outra, riacho sem início nem fim, que rói suas duas margens e adquire velocidade ao meio.” (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p.37)

<sup>5</sup> A involução não pode ser confundida como uma regressão ou uma oposição à evolução. A involução é uma “evolução [...] entre heterogêneos.” (DELEUZE; GUATTARI, 1997a, p. 19)

Daí a diferenciação que Deleuze e Guattari fazem entre movimento e velocidade, sendo o primeiro extensivo e o segundo intensivo.<sup>6</sup> E a velocidade está ligada ao espaço liso, que é rizomático; era o mar, antes de ser estriado, dividido em meridianos e cartografado. “No espaço liso, portanto, a linha é um vetor, uma direção e não uma dimensão ou uma determinação métrica” (DELEUZE, GUATTARI, 1997b, p.185)

Numa definição um pouco mais precisa, no rizoma

[...] *a comunicação se faz de um vizinho a um vizinho qualquer*<sup>7</sup>, onde as hastes ou canais não preexistem, nos quais *os indivíduos são todos intercambiáveis, se definem somente por um estado a tal momento*, de tal maneira que as operações locais se coordenam e o resultado final global se sincroniza independente de uma instância central. (DELEUZE, 1995, p. 27, grifo nosso)

## Duração

No seu primeiro livro, *Ensaio sobre os dados imediatos da consciência* (1988), Henri Bergson critica os métodos científicos que procuram quantificar a intensidade dos estados de consciência e chega à conclusão de que isso ocorre porque para atribuir uma grandeza ao que é intenso introduzimos uma certa espacialidade. Para ilustrar como isso ocorre, ele utiliza o exemplo de uma mola que se contrai e se distende, e que é dotada de uma certa extensão e portanto quantificável, para explicar como confundimos aquilo que é intenso com o que é extenso.<sup>8</sup> E o que é extenso (espaço) acaba penetrando em outros conceitos, como o de tempo. Desta forma, o tempo passa a ser visto pela ciência como uma categoria igualmente quantificável e, portanto, desconsidera a perspectiva de um tempo qualitativo. Bergson esclarece isso com o exemplo do açúcar que se dissolve no copo de água:

Se eu quiser preparar um copo de água com açúcar não tenho outro remédio senão esperar que o açúcar se dissolva. Este fato insignificante tem muito para nos ensinar. Porque o tempo que é necessário esperar já não é o tempo matemático que se aplicaria na mesma ao longo da história inteira do mundo material, caso ela se achasse exposta dum vez só no espaço. É um tempo que coincide com a minha impaciência, isto é, com uma certa porção da minha própria duração, a qual não pode ser esticada nem encolhida a nosso bel-prazer. Não se trata já do pensado, mas do vivido. Não é uma relação, é o absoluto. (BERGSON, 1964, p. 48-49).

Esse absoluto é, na verdade, uma experiência temporal heterogênea, pois está ligada à qualidade, inerente à duração. E a homogeneidade está ligada a uma ausência de qualidade, tanto no espaço, quanto no tempo. Como para a ciência moderna ambas categorias são grandezas homogêneas, divisíveis e quantificáveis, ela é incapaz de apreender o qualitativo do movimento e da duração, porque nem uma, nem outra são formadas por partes; ambas só podem ser capturadas em sua integridade. “É que a duração e o movimento são sínteses mentais, e não coisas.” (BERGSON, 1988, p. 84). A pesquisadora Margaret Wertheim reitera essa incapacidade da ciência, mais especificamente dos físicos, de compreenderem esse tempo: “Na visão de mundo dos físicos do hiperespaço, o tempo não é mais um atributo da experiência humana subjetiva, torna-se um mero artefato de manipulação matemática. [...] Nossa experiência mais fundamental do tempo como algo vivido e pessoal é abolida.” (2001, p. 159)

<sup>6</sup> “[...] o movimento pode ser muito rápido, nem por isso é velocidade; a velocidade pode ser muito lenta, ou mesmo imóvel, ela é, contudo, velocidade.” (DELEUZE; GUATTARI, 1997b, p. 52)

<sup>7</sup> Semelhante à conexão *peer to peer* na internet?

<sup>8</sup> Ele, inclusive, cogita a possibilidade de que isso ocorra por uma incapacidade da linguagem de abarcar esses estados de intensidade. “Talvez a dificuldade do problema derive do fato de darmos o mesmo nome e representarmos da mesma maneira intensidades de natureza muito diferente, a intensidade de um sentimento, por exemplo, e a de uma sensação ou de um esforço.” (BERGSON, 1988, p. 15)

Bergson, então, identifica a existência de dois espaços: um que é homogêneo, fruto de um esforço de abstração e de uma ação da inteligência e que é destituído de qualidade; outro que é heterogêneo, ligado às qualidades sensíveis, inerente à duração. E mesmo com relação à duração ele vai mostrar que existem duas concepções possíveis: uma pura e outra mista em que permanece a idéia de espaço. “A duração totalmente pura é a forma que a sucessão dos nossos estados de consciência adquire quando o nosso eu se deixa viver, quando não estabelece uma separação entre o estado presente e os anteriores.” (BERGSON, 1988, p. 72) No caso da duração mista, ele fornece um exemplo simples: um ponto que percorre a linha A-B não seria capaz de detectar a espacialidade da linha que percorre; apenas detectaria a sensação do movimento, ou a duração pura. Somente perceberia esse espaço se se colocasse acima da linha e se visse a si próprio percorrendo-a. (BERGSON, 1988, p. 74)

A idéia de que todas as coisas acontecem precisamente no presente remete à duração pura. Para Bergson, passado e presente não estão distantes: agem concomitantemente: “O passado e o presente não designam dois momentos sucessivos, mas dois elementos que coexistem: um, que é o presente e que não pára de passar; o outro, que é o passado e que não pára de ser, mas pelo qual todos os presentes passam.” (DELEUZE, 1999, p. 45) Yu Tsun, protagonista do conto de Borges, tem essa percepção quando fala: “todas as coisas nos acontecem precisamente, precisamente agora. Séculos de séculos e apenas no presente ocorrem os fatos [...]” (BORGES, 1972, p. 96).

É na duração pura, então, que se percebe a impossibilidade de repetição, que se nota as diferenças das coisas. “A duração real é aquela que morde as coisas e nelas deixa a marca dos dentes. Se tudo está no tempo, tudo muda interiormente, e a mesma realidade concreta nunca se repete. Portanto, a repetição só é possível no abstrato” (BERGSON, 1964, p. 78). A duração faz com que as coisas se diferenciem de si mesmas; portanto, o que é diferente é o novo. Enfim, trata-se de uma heterogeneidade.

O que se produz de novo nada é nos objetos, mas no espírito que os contempla, é uma ‘fusão’, uma ‘interpenetração’, uma ‘organização’, uma conservação do precedente que não desaparece quando o outro aparece, enfim, uma contração que se faz no espírito.” (DELEUZE, 1999, p. 115).

Assim como no labirinto de Borges em que a duração é uma das possíveis temporalidades, a pesquisadora Lilian Schwarcz em um breve estudo sobre Cronos e Aion, sobre o tempo histórico e o tempo antropológico, relembra como em *A montanha mágica*, de Thomas Mann, o tempo no sanatório onde permanece Hans Castorp é pura intensidade. Para ele, a sopa que lhe servem todos os dias, sempre na mesma hora, “é servida eternamente” (SCHWARCZ, 2000, p. 22). E esta é a chave para entender a relação entre espacialidade e tempo: “Onde há espaço há muito tempo” (MANN, 1980, p. 273 apud SCHWARCZ, 2000, p. 22).

A experiência do tempo vivido por Castorp ou passava rapidamente ou não passava nunca. Ele sentia que as sete semanas vividas como paciente poderiam tanto parecer 7 dias como 7 anos. Esse aspecto do tempo que lhe escapava e que nos é igualmente fugidivo é o da duração. É o tempo de Yu Tsun em suas divagações, enquanto percorre o labirinto. É o tempo do sonho.

## Temporalidades

André Lemos, ao recuperar Mircea Eliade, faz uma analogia da cibercultura com a hierofania, de um sentimento de encantamento<sup>9</sup> que é compartilhado pela coletividade que se constitui no ciberespaço: “A hierofania aparece pela absorção. Passamos horas a fio conectados sem nos darmos conta. Esta prática liga-se ao antiquíssimo desejo de ubiqüidade, acessando a consciência planetária” (2004, p. 133).

Nos *games on* e *off-line*, nos *chats*, nos *softwares* para os mais diversos fins, enfim, em praticamente tudo que envolve tecnologias digitais e do virtual, percebemos que os usuários absorvem-se neste tempo heterogêneo:

“circular pela Web, participar dos MUDs, recomeçar um jogo eletrônico ou um CD Rom, perder-se nos links dos hipertextos como um ciber-flâneur, voltar várias vezes à home page preferida, etc, tudo isto faz do tempo real do ciberespaço um tempo especial que impregna toda a cultura contemporânea.” (LEMOS, 2004, p. 134, grifo nosso)

E esse “tempo especial” é o da intensidade dos estados de consciência, da duração pura. Por isso, as várias horas despendidas na frente de um computador e o tempo vivido são de naturezas distintas, mas que são compartilhados nas trajetórias nômades e errantes das linhas do rizoma.

A pesquisadora Suely Fragoso (2003) chama a atenção para os aspectos nem sempre agradáveis da imposição de uma imediatez resultante da compressão espacial e que acaba nos lançando em velocidades vertiginosas: nossa experiência do real acaba perdendo substância, para não dizer que muitas vezes corremos o risco de esquecer o que é de fato sentir o mundo, de tal forma mergulhamos no universo mediado do ciberespaço. No entanto, a própria autora afirma que é preciso considerar todos os lados possíveis para um melhor entendimento dos fenômenos, já que o próprio ciberespaço apresenta uma configuração múltipla. Por isso, os estudos relativos à percepção do espaço e do tempo na cibercultura não estão esgotados, e a literatura, assim como a filosofia, podem oferecer possibilidades inusitadas de compreender melhor tais aspectos.

No caso deste trabalho, foi possível perceber o quão entrelaçados estão o rizoma e o labirinto. Funcionando como metáforas para o inconsciente, ambos são compostos de fluxos, de linhas e de velocidades. Não têm começo e nem fim, dão voltas em si mesmos; são infinitos universos de possíveis.<sup>10</sup>

E o sujeito, na intersecção desses múltiplos tempos, não existe.<sup>11</sup> E não existe porque o que percorre tanto o labirinto quanto o rizoma não são nem sujeitos, nem objetos, mas velocidades, fluxos, devires que se constituem em cada bifurcação. “Pareceu-me que o úmido jardim que rodeava a casa estava saturado até o infinito de pessoas invisíveis. Essas pessoas eram Albert e eu, secretos, atarefados e multiformes em outras dimensões do tempo.” (BORGES, 1972, p. 108)

Rizoma e labirinto, então, têm seus sentidos ampliados graças a Deleuze-Guattari e a Borges. Não é à toa, portanto, que estes pensadores consagraram-se como visionários da

<sup>9</sup> Esse sentimento de encantamento e mágica que envolve o ciberespaço é o objeto de estudo de Margaret Wertheim e suas configurações quase religiosas não são novas, mas herança de visões seculares cristãs. Como ela escreve, está “interessada em indagar: o que há nesta sociedade neste ponto particular da história – isto é, nos Estados Unidos no início do século XXI – que cria um clima tão propício para o sonho quase religioso do ciberespaço?” (WERTHEIM, 2001, p. 16).

<sup>10</sup> “A idéia do futuro, prenhe de uma infinidade de possíveis, é pois mais fecunda do que o próprio futuro, e é por isso que há mais encanto na esperança do que na posse, no sonho do que na realidade.” (BERGSON, 1988, p. 16)

<sup>11</sup> “Não existimos na maioria desses tempos.” (BORGES, 1972, p. 107-108)

internet e sua conectividade, da multiplicidade da rede e seus devires, dos mundos possíveis e da grande charada que é o tempo.

### **Bibliografia**

- BERGSON, Henri. **Ensaio sobre os dados imediatos da consciência**. Lisboa: Edições 70, 1988.
- . **A evolução criadora**. Rio de Janeiro: Ed.Delta, 1964.
- BORGES, Jorge Luis. O Jardim de caminhos que se bifurcam. In: \_\_\_\_\_. **Ficções**. Porto Alegre: Abril Cultural/Globo, 1972.
- DELEUZE, Gilles. **Bergsonismo**. São Paulo: Ed. 34, 1999.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs**. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995, v. 1.
- (a). **Mil Platôs**. São Paulo, Ed. 34, 1997, v. 4.
- (b). **Mil Platôs**. São Paulo, Ed. 34, 1997, v. 5.
- FELINTO, Erick. “Sem mapas para esses territórios”: a cibercultura como campo de conhecimento. XXX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Santos, 2007.
- FRAGOSO, Suely. Um e muitos ciberespaços. In: LEMOS, André; CUNHA, Paulo. **Olhares sobre a cibercultura**. Porto Alegre: Sulina, 2003.
- LEMOS, André. **Cibercultura, tecnologia e vida social na cultura contemporânea**. 2ª ed, Porto Alegre: Sulina, 2004.
- SCHWARCZ, Lilian Moritz. Falando de tempo. **Revista Sexta Feira**, v. 5, p. 10-24. 2000.
- WERTHEIM, Margaret. **Uma história do espaço**: de Dante à internet. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

<sup>i</sup> Ana Elisa Antunes Viviani é Mestre em Ciências da Comunicação pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo.